

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

SAMIRA SGARABOTTO SILVA

**AS GÍRIAS QUE A TV ENSINA:
um estudo de caso com alunos do 2º ano dos Anos Iniciais do
Ensino Fundamental**

PORTO ALEGRE
2010

SAMIRA SGARABOTTO SILVA

**AS GÍRIAS QUE A TV ENSINA:
um estudo de caso com alunos do 2º ano dos Anos Iniciais do
Ensino Fundamental**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

**Orientadora:
Valéria Machado da Costa, Msc**

PORTO ALEGRE
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Profa. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Coordenador(as) do curso de Especialização em Mídias na Educação: Profas. Rosa Vicari e Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Agradecimento

Agradeço ao meu marido Fúlvio por entender as horas de convívio que abdiquei para realização do trabalho e por me apoiar a fazer uma entrega as pesquisas para que fosse possível alcançar os resultados esperados, assim como aos alunos que participaram desta experiência e se mostraram dispostos a alcançar os resultados que eram propostos.

De maneira especial agradeço também todo o auxílio que recebi da orientadora Valéria que se mostrou presente em todo o processo de construção deste trabalho.

RESUMO

A criança, antes de ingressar na escola já passou por uma formação educacional realizada pela família, mas também pelas mídias que tem acesso. De maneira especial encontra-se a mídia da televisão, que seduz e educa, influenciando atitudes, preferências e a linguagem das crianças principalmente. Frente a isto os adultos que acompanham o crescimento e desenvolvimento da criança devem estar atentos e dispostos a interagir com o que é aprendido nesta mídia que normalmente ocupa um lugar de destaque nos lares e é ignorado dentro da escola. Através de um trabalho realizado sobre “As gírias que a TV ensina”, foi possível verificar que a grande maioria da turma do 2º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do município de Caxias do Sul, demonstra preferência em assistir programas humorísticos como o “Pânico na TV” e conseqüentemente reproduzem no seu cotidiano as gírias aprendidas nele. Baseado nesta influência foi desenvolvido com alunos, questionamentos, conversas, pesquisas com eles e seus pais e construções escritas que auxiliaram na reflexão sobre o uso das gírias no cotidiano, assim como a verificação da postura dos pais e professores que participam da aprendizagem deles. Tais atividades foram analisadas com base em um referencial teórico pesquisado e que nortearam o estudo e a conclusão de que não é possível negar a influência da televisão na aprendizagem das crianças e que o que é aprendido através dela necessita ser discutido pelos adultos que cercam a criança que está em formação.

Palavras – chave: televisão – criança – educação – pais – escola

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	METODOLOGIA	8
2	MÍDIAS NA EDUCAÇÃO	10
2.1	HISTÓRICO DA TELEVISÃO	14
3	TV E EDUCAÇÃO	18
3.1	PROGRAMAÇÃO PARA CRIANÇAS EM CANAL ABERTO NO DOMINGO.....	24
4	TRABALHANDO AS GÍRIAS COM ALUNOS DO 2ºANO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	28
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
	REFERÊNCIAS	44
	APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS	47
	APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PARA OS PAIS	48

1 INTRODUÇÃO

A mídia eletrônica de modo geral envolve seus usuários que adquirem neste contato conhecimento e informação através de uma ação prazerosa e sedutora (MORAN, 2007).

A televisão, com uma penetração de 97,2% nos lares da zona urbana e de 84,2% nos lares da zona rural (IBGE, 2009), é a mídia mais utilizada pela população brasileira de modo geral. Neste contexto se faz necessário um olhar direcionado para ela a fim de perceber e entender a influência que esta representa, uma vez que aproxima a realidade vivida com o restante do mundo por meio de uma combinação “convidativa as percepções auditivas e visuais através das imagens, sons, cores e movimentos” (SCHEMES, 2002).

E é exatamente esta combinação que atrai os olhares curiosos das crianças. A criança por encontrar-se em fase de amadurecimento e desenvolvimento recebe influência da TV na sua aprendizagem. Ao realizar a ação de assistir televisão e assim conhecer pessoas reais e personagens interpretados expande os modelos a serem seguidos e copiados nas ações e rotinas do seu cotidiano. Nesta ótica é que surge a necessidade de um acompanhamento e esclarecimento do que é visto por parte de um adulto, ou seja, dos pais e da escola.

A televisão por entreter e informar a família, segundo Turra (2008) ocupa um lugar de destaque na casa e na própria família. É de responsabilidade, então, dos pais acompanharem as escolhas e a classificação indicativa sobre o que é assistido pelos filhos assim como uma posterior conversa orientada. Da mesma maneira encontra-se a escola, cuja postura deve ser a de ouvir, discutir e assim orientar para uma escolha consciente, crítica e coerente do que será assistido.

O trabalho que se apresenta analisou a experiência sobre as gírias que a TV ensina tendo em vista que os 22 alunos de sete a nove anos do município de Caxias do Sul observados reproduzem no seu cotidiano imitações de linguagens e ações que assistem na televisão, em especial em programas humorísticos como o “Pânico na TV”. Percebe-se que muitas destas imitações não têm seus significados conhecidos pelos alunos.

Frente a isto a questão que se mostrou como problema a ser analisado foi a de que tendo em vista a importância da televisão no cotidiano das crianças, seria possível trabalhar a linguagem das mesmas diante da influência de programas como o “Pânico na TV”?

O estudo realizado para este trabalho baseou-se na hipótese de que apesar da forte presença das gírias advindas de programas como o Pânico na TV na linguagem das crianças, é possível trabalhar com elas no sentido de minimizar esse efeito.

Sendo assim, o objetivo principal deste trabalho é mostrar que é possível realizar atividades com essas crianças de modo a auxiliá-las na compreensão das gírias utilizadas e assim fazê-las refletir e repensar o seu uso no cotidiano. Os objetivos específicos são:

- Realizar um levantamento estatístico, por meio de questionário, para verificação sobre que mídias os alunos observados têm mais acesso nas suas residências.
- Perceber a posição dos pais frente às escolhas televisivas dos filhos.
- Vivenciar atividades que demonstrem a influência de tais gírias na prática do cotidiano dos alunos observados.
- Construir, junto aos alunos, um entendimento do significado das gírias e assim ampliar o conhecimento e linguagem dos alunos.

1.1 Metodologia

Esta é uma pesquisa qualitativa e quantitativa, que objetiva, através de atividades realizadas com os alunos, estudar sobre a sua postura diante do conteúdo assistido na televisão, notadamente o referente ao programa humorístico

Pânico na TV. Para tanto, foram seguidas as seguintes etapas: antes de iniciar as atividades em sala de aula, foi realizada uma observação sobre a turma onde foi possível detectar a utilização de gírias feita pelos alunos na sua linguagem. Posteriormente em sala de aula houve o preenchimento de um questionário (Apêndice A) que buscava verificar a que mídia os alunos tem mais acesso em casa, assim como a programação preferida e as companhias para assistir tais programas. Ainda em sala houve conversas e transmissão do programa mais assistido, construções escritas sobre as gírias utilizadas na linguagem oral e reflexão sobre a utilização destas no cotidiano. Houve neste período a participação dos pais em um preenchimento de um questionário (Apêndice B) semelhante ao dos alunos para verificação da visão dos pais sobre a mídia mais utilizada por seus filhos.

O trabalho foi organizado em quatro capítulos, além da presente introdução. No capítulo dois, "Mídias na Educação", será apresentado um estudo para perceber os diferenciais no ensino que esta representa, com foco especial para a televisão. No capítulo três, "TV e Educação", será apresentado um estudo focado nas influências da televisão na aprendizagem da criança, a postura dos pais e da escola frente a isto. No capítulo quatro "Trabalhando as gírias com alunos do 2ºano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental" são apresentados os resultados de uma experiência que se baseou nas gírias usadas na escola e aprendidas na televisão, realizado com uma turma do 2º Ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, de uma Escola Estadual de Caxias do Sul, acompanhados de uma análise à luz dos pressupostos teóricos mencionados nos capítulos anteriores e, no capítulo cinco, "Considerações Finais", são apresentadas as principais conclusões obtidas da conjugação entre pressupostos teóricos e experiência prática desenvolvida.

2. MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

A criança, antes de ingressar na escola já passou por vários contextos que proporcionaram a formação da sua educação inicial, mas em especial o convívio com a família e com as mídias. Através do contato com as mídias a criança aprende a conhecer e a se informar de maneira prazerosa, pois esta é uma ação motivada pela sedução e envolvimento feito pela mídia (MORAN, 2007).

Mesmo durante o período escolar a mídia mostra o mundo de outra forma - mais fácil, agradável, compacta - sem precisar fazer esforço. Ela fala do cotidiano, dos sentimentos, das novidades. A mídia continua educando como contraponto à educação convencional, educa enquanto estamos entretidos (MORAN, 2007).

Segundo Fisherkeller (2009), o processo dialético e múltiplo da auto identidade da criança está também relacionado com os experimentos que esta vivencia com a mídia de maneira geral, uma vez que dependendo das circunstâncias de vida, elas encontram uma oferta ampla ou restrita de diferentes tipos de mídias e isto conseqüentemente exerce uma influência sobre como elas compreenderão suas experiências com as mídias.

Para o autor “quais as mídias que estão disponíveis para as crianças em casa é um ponto muito pertinente, porque o acesso material a todas as mídias, especialmente àquelas mais recentes, está relacionado às condições sócio econômicas da família” (FISHERKELLER, 2009, p. 278), e as crianças constroem uma percepção de si mesmas baseadas nisto, assim como na negociação do tempo disponibilizado a elas para o uso das mídias em casa. A conversa da família sobre as diferentes mídias ressalta o autor, também contribui para a maneira como a criança usa e avalia esses meios e a posição que esta ocupa como usuário.

Observa-se, no estudo denominado “Digital Life”, realizado pela União Internacional de Telecomunicações (2006), que a nível mundial a população, em

especial as menores de dezoito anos, passa mais horas utilizando meios de comunicação digital como a internet do que a televisão, por exemplo.

No contexto escolar, Correia (2010) explica que as escolas estão passando por uma adaptação para entender e assim fazer a utilização das mídias, uma vez que é necessário equipar “o ambiente escolar e transformar salas de aula tradicionais em laboratórios de informática e outros ambientes, em sala da TV escola ou em laboratórios multidisciplinares.” Feito estas adaptações a utilização das mídias virá acompanhada de fácil acesso e qualidade no seu uso em sala de aula, uma vez que a “escola precisa exercitar as novas linguagens que sensibilizam e motivam os alunos” (MORAN, 2007).

Para Correia (2010), o acesso às mídias no ambiente escolar permite que se percebam novos recursos para a educação, seu manuseio estimula a criatividade, conhecimento, planejamento e organização no processo ensino aprendizagem.

Democratizar o acesso à informação e ao conhecimento no contexto escolar apresenta-se como o novo desafio para a educação (para aqueles que se dispõem a lidar com a educação) e, ao mesmo tempo, é uma nova maneira de articular o aluno, o professor, a informação e o conhecimento (CORREIA, 2010).

Ao mesmo tempo em que o homem, de modo geral, descobre e interage com as mídias que estão a sua volta ele torna-se produto deste processo de construção e transformação que ela possibilita e causa. Assim, “A escola nesse âmbito é o palco da produção e reprodução dessas descobertas, é o espaço onde o fazer tecnológico deve por excelência gerar novas expectativas e proporcionar cada vez mais a investigação e a necessidade de renovação do saber” (BANHO, 2010).

A dificuldade na aceitação do uso das mídias na educação, porém, encontra-se no distanciamento da proposta educacional com a realidade vivida pelos alunos na sociedade atual. Desconsidera-se com esta negação, conforme Martins (2002), que a aprendizagem do aluno acontece em todos os contextos vividos por ele, nas interações que este faz com objetos, pessoas, nas situações que se apresentam no cotidiano e no seu contexto. É nestas interações que ele cria e modifica sua maneira de atuar e conviver no meio em que vive.

Por isso, a utilização das mídias nas escolas depende de como esta é vista por seus colaboradores: como um lugar de transmissão do conhecimento ou como

um lugar desafiador que provoca mudanças? De acordo com a Educnet (2008), o uso de tais recursos só valida a aprendizagem quando seu manuseio é integrado à linguagem da escola, uma vez que esta pode proporcionar inovações nas atividades das escolas além de acompanhar as transformações sociais. Desta maneira é possível proporcionar “ao aluno os meios necessários para aprender a obter a informação, para construir o conhecimento e adquirir competências, desenvolvendo simultaneamente o espírito crítico.”

Mídias só podem servir de fonte de acesso ao conhecimento se forem integradas, dentro ou fora da escola, no quadro de um projeto ou de uma metodologia. [...] É urgente definir uma nova função da escola na sociedade atual. A questão mais importante é a de saber como vamos fazer uma educação democrática para todos ou, pelo menos, para uma maioria. [...] Devemos construir um discurso sobre a nova função da escola na sociedade tecnológica e criar práticas novas (JACQUINOT 1995 apud EDUCNET, 2008).

Martinsi (2002) explica, dentro deste contexto que

As tecnologias de informação e comunicação podem favorecer a constituição de uma teia entre a escola e o cotidiano no qual o indivíduo atua, configurando novos caminhos para ele interagir e desenvolver suas constantes compreensões sobre o mundo e sobre a sua cultura.

Neste processo, o uso das mídias para o autor requer a prática que propicie a aprendizagem e a vivência “de processos criativos, com diálogos e interações múltiplas” (MARTINSI, 2002), em um ambiente inovador e assim interessante para o professor que pode fazer uso de recursos que tragam para a vivência curricular a proximidade com a realidade do aluno e para o aluno um recurso que permite e solicita a sua participação e interação constantemente (BANHO, 2010). Assim, será possível auxiliar no desenvolvimento da autonomia do aluno enquanto sujeito da sua aprendizagem e permitir uma interação entre o professor e o aluno neste processo construtivo do saber que caracteriza o ensino escolar (CORREIA, 2010).

As tecnologias, para Moran (2007), contêm um nível de informação variado e completo e através do contato com elas é possível o aluno facilitar o acesso e busca por conceitos, principalmente. Porém, é na escola que o aluno irá aprender a trabalhar com estas informações, a “interpretá-las, relacioná-las, hierarquizá-las, contextualizá-las, só as tecnologias não serão suficientes. O professor o ajudará a questionar, a procurar novos ângulos, a relativizar dados, a tirar conclusões.”

Com esta união entre mídias e escola, o aluno aproxima o conteúdo programático com a sua realidade e com isto adquire um maior entendimento sobre o que estuda e torna-se um investigador e transformador da realidade em que vive e “certamente os resultados desses processos para a sociedade é mais evidente de uma forma positiva do que tornar este aluno um mero consumidor de tecnologias” (BANHO, 2010).

FisherKeller (2009, p. 272) afirma que é comum a criança utilizar as mídias também para ver o que é “legal” e assim fazer escolhas por certo roteiro sobre o que “seguir”, pois “não há como escapar da cultura do consumismo e de todos os sistemas da mídia comercial que promovem e mantêm, tanto localmente como globalmente” e percebendo a TV de modo especial, Schemes (2002) ressalta que mesmo não dispondo de mecanismos próprios de recompensas e sanções, ela possui o poder de orientar o comportamento.

É pertinente ressaltar que o deslumbramento com o computador e com a internet remete ao pensamento, segundo Moran (2007) de que mídias como a televisão e o vídeo já estão ultrapassados e assim sua linguagem já foi dominada e os recursos que estes representam já seriam totalmente conhecidos. Mas, é preciso entender que

A informação e a forma de ver o mundo predominante no Brasil provêm fundamentalmente da televisão. Ela alimenta e atualiza o universo sensorial, afetivo e ético que crianças, jovens e grande parte dos adultos - levam para sala de aula. Como a TV o faz de forma mais despretensiosa e sedutora, é muito mais difícil para o educador contrapor uma visão mais crítica, um universo mais mais abstrato complexo e na contra mão da maioria como a escola se propõe a fazer (MORAN, 2007).

A televisão apresenta-se como a mídia de maior influência direta sobre os seus usuários e conseqüentemente isto reflete também na educação escolar, ou seja, no processo formal de ensino e de aprendizagem. Por este motivo pais e professores devem mostrar-se conscientes sobre isto para que possam desta maneira “educar para a mídia, ensinando seus filhos e alunos a desenvolverem uma visão cada vez mais crítica dos conteúdos veiculados na tela da TV” (SCHEMES, 2002).

2.1 Histórico da televisão

Segundo Valim (1998) a idéia de trabalhar com imagem está relacionada à história da civilização, uma vez que já nos tempos primitivos o homem deixava suas impressões em forma de desenho para que desta maneira gerações posteriores pudessem aprender e reverenciar.

O autor explica que a televisão trouxe consigo algumas características do cinema, porém, a proximidade com o tempo presente, a oportunidade de estar próximo ao telespectador, deram a este a possibilidade de se tornar o meio mais poderoso de transmissão de informações, idéias e ideais.

A história da televisão deve-se também a grandes matemáticos e físicos, que entregaram para as ciências humanas um grande e poderoso veículo comunicativo. Valim (1998) ressalta que, desde o início do século XIX, havia o interesse em conseguir transmitir imagens a distância e foi com o invento de Alexander Bain, em 1842, que se obteve a transmissão telegráfica de uma imagem, atualmente conhecido como fax.

em 1924 Baird transmitiu contornos de objetos a distância e no ano seguinte fisionomias de pessoas. Já em 1926 Baird fez a primeira demonstração no Royal Institution em Londres para a comunidade científica e em seguida assinou contrato com a BBC para transmissões experimentais. Neste primeiro momento, havia definição de apenas 30 linhas e era mecânico. (GRUPO VIRTUOUS, 2010, p. 1).

De acordo com Meddi (2010), “Na década de 1950 surgiram os primeiros aparelhos em cores no mundo. No Brasil, o sistema de transmissão colorida só chegaria oficialmente em 1972.”

No Brasil, Amorim (2008, p.1) aponta

que a televisão foi inaugurada em 18 de setembro de 1950, na capital São Paulo, através da TV Tupi canal 3. A televisão teve seus primeiros anos marcados pela fase de aprendizagem, tanto técnica quanto artisticamente. Os recursos eram primários, fazia-se uso de equipamentos mínimos, suficientes para manter a estação no ar e a maior parte dos profissionais trabalhava de acordo com os conhecimentos que haviam adquirido no rádio, cinema ou teatro. Mesmo nessas condições, a televisão foi se impondo e se

expandindo. Em 1953, já existiam mais quatro emissoras, duas no Rio de Janeiro (RJ) e duas outras em São Paulo (SP).

Neste período, ressalta Amorim (2008), a permanência no ar era curta (em geral, das 18 às 22h) e a programação era bastante diferenciada. Transmitia-se dramaturgia, musical, humorismo, jornalismo, programas infantis, esportes e variedades.

De acordo com Lira (2009, p. 1) “os anos 60 trouxeram renovações que alteraram profundamente o comportamento da televisão. As novidades tecnológicas permitiram mais agilidade e alcance da informação”. Neste período, dois gêneros de programas fizeram com que este meio de comunicação se tornasse um fenômeno entre os telespectadores: o programa de auditório e as telenovelas.

Mas para Amorim (2008, p. 1), “as primeiras grandes conquistas técnicas da televisão, no Brasil, foram às transmissões em rede via satélite (1970) e a transmissão a cores (1972)”. A primeira conquista citada possibilitou encurtar a distância entre o país e o restante do mundo, atingindo de maneira imediata um número maior de pessoas, com informações transmitidas em tempo real e isto trouxe credibilidade ao que era transmitido. Porém, este também foi um período marcado pela ditadura militar e com isso houve forte repressão da informação e a televisão sofreu uma rígida censura, uma vez que era mostrado ao público somente o que interessava ao regime vigente.

Já nos anos 80, com o fim da censura militar, houve uma preocupação em retomar a participação do público em programas jornalísticos, a fim de resgatar uma consciência coletiva, promovendo a discussão de idéias e opiniões. O esclarecimento tornou-se interesse em programas de debates, juvenis, de entrevistas e em programas femininos (TV GAZETA, 2009).

A partir dos anos 90, Amorim (2008, p. 1) explica que “houve uma continuação a novidades na televisão em nível de expansão, de técnica e de conteúdo. Outras redes surgiram, o sistema de TV a cabo cresceu e diversas emissoras independentes em VHF ou UHF foram inauguradas”.

Com isso o número de televisores em residências também foi expandindo. Segundo dados do IBGE (2009), em 2001, 88,4% das residências da zona urbana e

52% das residências da zona rural possuíam aparelhos de televisão. Em 2009, estes dados subiram para 97,2% nas residências da zona urbana e 84,2% nas residências da zona rural.

Esta crescente sobre os números de televisores nas residências deve-se também ao fato de que a programação televisiva foi crescendo e, segundo Pillar (1998), se formando com programas variados e com diferentes níveis de qualidade. A distribuição dos programas em horários planejados, divulgados pela emissora durante a sua programação, é conhecida como grade horária. Souza (2004) explica que através dela é possível o telespectador memorizar os horários de programação e assim programar-se para assistir o que deseja.

a televisão talvez esteja numa porcentagem acima dos 70% em poder de penetração e seu poder de influência é tão amplo ao ponto de formar uma geração de pessoas que não gostam e não sabem pensar por si mesmos. Os meios de comunicação, e a TV em particular, vieram transformar radicalmente as condições do processo de socialização. Hoje a televisão é o primeiro e maior (no sentido de amplitude e alcance) contato das pessoas, especialmente das crianças, com o mundo externo (SCHEMES, 2002).

Signorielli (2009) ressalta que a televisão é a mídia central da cultura de massa e desempenha um distinto papel no ambiente de aprendizagem vivido de maneira constante pela nação. Para Signorelli (2009, p. 207) “no ambiente de multimídia de hoje, as crianças entre oito e dezoito anos gastam, em média, seis horas e meia por dia com diferentes mídias”, sendo que ao menos três destas horas são destinadas em assistir televisão.

não restam dúvidas de que os aparelhos eletro-eletrônicos de comunicação trazem o mundo para perto de nós, mas principalmente a televisão (por causa de sua popularidade), funciona como uma “janela” para o mundo, ampliando os universos culturais de crianças, jovens e adultos. Mas a sua influência não se limita apenas ao “universo cultural.” Especialmente a TV, por ser o principal meio de comunicação de massa, tem contribuído muito para as mudanças sociais verificadas principalmente nos hábitos, costumes e valores da sociedade e, conseqüentemente da família, de maneira especial nas crianças e adolescentes (SCHEMES, 2002).

Grande parte da popularidade da televisão está no fato de ela reunir uma combinação que atrai de maneira convidativa as percepções auditivas e visuais através das imagens, sons, cores e movimento. Conseqüentemente torna-se atrativa e animada, explica Schemes (2002).

Fischer (apud PILLAR, 1998, p. 29) afirma que a criança, em especial, gosta de ver TV porque esta fala a sua linguagem e possui uma comunicação “entrecortada, dinâmica, não linear, em mosaico” e assim como a própria criança, é capaz de mudar rapidamente de assunto.

Nesta percepção é que se torna necessário envolver a educação neste contexto informacional e conseguir desta maneira captar as mudanças ocorridas na sociedade e assim “envolver o aluno nessa gama de descobertas, e mais ainda, que ele aprenda a utilizar cada vez mais as tecnologias para o seu desenvolvimento como cidadão” (BANHO, 2010).

3. TV E EDUCAÇÃO

Scheibe (2009) afirma que crianças são atraídas de maneiras diferentes pelas mídias. Uma questão de interesse neste estudo sobre crianças e mídias refere-se à aprendizagem. O autor explica que existem quatro principais maneiras que podem apresentar probabilidade de aprendizagem na criança:

A primeira é a Experiência Direta, isto é, “aprendizagem por meio do condicionamento operante” (SCHEIBE, 2009, p. 87), no qual a criança executa o comportamento e assim, se for recompensada, será provável que repetirá tal ação e, se for punida, será menos provável tal repetição. Este comportamento não receberá reforço direto da mídia, porém, Scheibe (2009, p. 88) explica que

[...] as respostas negativas ou positivas dos pais e / ou iguais a alguma coisa que a criança faz depois de aprendê-la por meio da TV pode muito bem influenciar a probabilidade de que a criança faça novamente.

A segunda é a Aprendizagem pela Observação que “envolve o aprendizado ao assistir alguém executar o comportamento e então imitá-lo” (SCHEIBE, 2009, p. 87). Na vida real esta imitação, segundo o autor, refere-se a um genitor ou irmãos mais velhos e em relação às mídias, imitando direta e imediatamente o que veem.

A terceira é a Aprendizagem Simbólica onde “para crianças mais velhas a maior parte do aprendizado se dá pela linguagem escrita ou falada; geralmente nos é dito para fazer (ou não fazer) alguma coisa e por quê.” (SCHEIBE, 2009, p. 88). Para o autor, aplica-se em relação ao uso da mídia para adquirir informação e a interpretação que fazem das mensagens e a compreensão da mídia de maneira geral.

E na quarta, a Aprendizagem Cognitiva,

[...] o aprendizado se baseia nas informações que as crianças já possuem e na sua compreensão global das questões envolvidas. Na aprendizagem cognitiva, existe uma série de questões que entram

em jogo, incluindo a fase do desenvolvimento, a habilidade cognitiva e as informações disponíveis. (SCHEIBE, 2009, p. 88).

Antes da televisão e do cinema, os modelos a serem copiados no que se refere a comportamento eram os que incluíam a própria realidade do indivíduo. Mas, com o surgimento e expansão da televisão e de outras mídias audiovisuais, Scheibe (2009) ressalta que houve uma abertura maior nos modelos a serem conhecidos e copiados, que inclui pessoas reais e personagens interpretados. “Uma vez que a televisão passou a fazer parte da vida diária das crianças, o potencial para a aprendizagem cognitivo-social por meio da observação e imitação dos comportamentos dos outros cresceu exponencialmente” (SCHEIBE, 2009, p. 89).

No estudo da teoria cognitivo-social, é importante perceber a importante relação entre o observador (criança) e o observado (personagem da mídia). Scheibe (2009) explica que os meninos geralmente fazem a opção por seguir modelos masculinos, já as meninas não relacionam esta opção com o sexo, podendo seguir modelos femininos, mas também masculinos.

A teoria Cognitiva - Desenvolvimental de Piaget, explica, segundo Scheibe (2009), que as crianças constroem sua compreensão de mundo através de processos de assimilação e acomodação. Nesta concepção o desenvolvimento infantil ocorre através de estágios.

Conforme a criança se desenvolve, sua compreensão do mundo não apenas se amplia gradualmente como é qualitativamente diferente nas diferentes idades. Piaget acreditava que este processo se desenrolava naturalmente e que todas as crianças avançavam em direção a estes estágios na mesma ordem e aproximadamente nas mesmas idades (SCHEIBE, 2009, p. 91).

O autor explica ainda que Piaget descreveu os estágios da criança em relação à compreensão de mundo físico, mas que sua teoria pode ser aplicada “à compreensão das informações sociais fornecidas pela mídia e as diferenças previsíveis de interpretação do conteúdo da mídia que as crianças fazem em diferentes idades” (SCHEIBE, 2009, p. 91).

Assim, em especial as crianças menores de quatro e cinco anos, é preciso considerar que elas “têm dificuldade para compreender integralmente a natureza da televisão e o seu conteúdo.” (SCHEIBE, 2009, p. 92). A compreensão da diferença

entre realidade e fantasia em crianças de dois ou três anos não é real. O autor explica que esta “compreensão” é um fingimento e na realidade “elas ficam muito mais confusas quanto a uma coisa ser real ou apenas ficção na televisão” (SCHEIBE, 2009, p. 92).

As crianças que se encontram no estágio pré-operacional têm tendência a acreditar que as demais pessoas sabem as mesmas coisas que elas e têm dificuldade de compreensão sobre falsas crenças ou sonhos.

Não causa surpresa, então, que as crianças pequenas fiquem confusas com as histórias da mídia que enfatizam as diferentes compreensões que os personagens têm de alguma coisa que aconteceu, ou que incluem personagens que parecem ser bons, mas que realmente são maus e vice-versa (SCHEIBE, 2009, p. 92).

Em vista disso, o referido autor (2009, p. 93) evidencia que a criança pequena tem facilidade em realizar uma interpretação errada das histórias contadas pela mídia, “que estão centradas em julgamento sobre as intenções de um ator, ou quando alguém quebra as regras para conseguir um resultado mais positivo e justo.”

Uma criança que permanece várias horas diante da TV absorve como uma esponja tudo o que é apresentado, ante a redundância verbal do veículo, não lhe sobra alternativa a não ser a emudecida inércia. Durante o tempo todo postada diante do foco hipnótico, ela é desestimulada a falar, dialogar ou desenvolver qualquer atividade motora. Vygotski, neurologista e psicólogo russo, fez estudos na área da linguística, e comprovou que a criança necessita de uma inteligência prática de interação com o meio para desenvolver plenamente a habilidade da fala. Isso se dá por meio da manipulação de instrumentos, demonstrações e brincadeiras. Nas crianças pequenas essas atividades práticas são de particular importância, uma vez que são estimuladoras do seu desenvolvimento linguístico e emocional. (MACHADO apud PILLAR, 1998, p. 74).

Observando a formação da linguagem da criança em relação a este contexto, percebe-se que “a linguagem humana, sistema simbólico fundamental na mediação entre sujeito e objeto de conhecimento, tem, para Vigotsky, duas funções básicas: a de intercâmbio social e a de pensamento generalizante.” (OLIVEIRA, 1992, p. 27). Ou seja, segundo a autora, a linguagem além de auxiliar na comunicação entre as pessoas tem o papel de simplificar e generalizar o mundo em que se vive.

O pensamento verbal é ressaltado por Oliveira (1992) como um processo histórico-cultural internalizado pelo indivíduo ao longo do seu processo de desenvolvimento. “É o grupo cultural onde o indivíduo se desenvolve que vai lhe fornecer, pois, o universo de significados que ordena o real em categorias (conceitos), nomeadas por palavras da língua desse grupo.” (OLIVEIRA, 1992, p. 28).

Através da interação imediata e espontânea, conforme estudos realizados por Vigotsky (apud OLIVEIRA, 1992, P.32), com o mundo real, a linguagem vai sendo internalizada e passa a adquirir a função de um instrumento de organização do conhecimento, uma vez que ela vai se formando no cotidiano da criança. Já os “conceitos científicos” da linguagem na concepção de Vigotsky são aqueles adquiridos em situações formais e organizados do conhecimento, ou seja, os processos de instrução escolar (OLIVEIRA, 1992).

Embora os conceitos científicos e espontâneos se desenvolvam em direções opostas, os dois processos estão intimamente relacionados. É preciso que o desenvolvimento de um conceito espontâneo tenha alcançado certo nível para que a criança possa absorver um conceito científico correlato (OLIVEIRA, 1992, p. 32).

Machado (apud PILLAR, 1998, p. 72) explica que a linguagem é uma tecnologia e pode-se dizer que talvez seja a mais avançada de todas as praticadas pelo homem. “A linguagem é uma tecnologia que possibilita exteriorizar em palavras, gestos, sons, algo que só existe no pensamento.” Pillar (1998) explica ainda que as linguagens verbais e visuais não se encontram separadas como se imagina, pois a linguagem verbal está permeada de imagens.

apesar de toda a tecnologia informativa cheia de recursos cada vez mais sofisticados, em muitas famílias de nosso século já não existe mais tempo para o diálogo. O pouco tempo que restou, devido a vários fatores, é dividido com a TV que além de interferir no conteúdo das conversas, colocou um “esparadrapo” na boca de todos, criando um monólogo televisual. Quanto maior for o grau de interesse pelo que está sendo apresentado na TV, menos amistoso as pessoas se sentem a respeito de uma interrupção. É preciso lembrar, todavia que as mensagens televisuais atuam por impregnação, agindo sobre o inconsciente e o imaginário, que distrai e cativa a pessoa, paralisando, por assim dizer sua capacidade de ação e reflexão. Talvez seja esta a razão por que há tantas famílias que no “horário nobre” estão demasiado fascinadas com o que assistem que não têm tempo para ouvir, falar ou atender aos pedidos (SCHEMES, 2002).

Não há como negar que “são os pequenos atos de amor demonstrados a cada dia, cheios de apoio e orientação, que fazem uma enorme diferença na vida da criança” (SCHEMES, 2002). Todavia, a mídia é um dos maiores obstáculos e a mais poderosa influência, que na maioria das vezes, vai diretamente contra a educação das crianças.

Atualmente Turra (2008) lembra que a televisão tornou-se um objeto indispensável para a maioria das famílias. Nestes lares, é possível perceber a televisão em um lugar de destaque e assim ocupando um lugar de poder na família, tornado-se uma companhia e até cuidadora das crianças em casa por segurar estas por um longo período de tempo à sua frente.

Barry (1994) ressalta que as crianças devem ter muito bem estabelecidas as horas que poderão ser dedicadas para assistir a televisão. Uma vez estabelecidos esses limites deve-se sempre levar em consideração o tempo dedicado à família, dentro do tempo da criança de assistir seus programas, ou seja, a família precisa assistir junto a um programa. É importante ainda, segundo Barry (1994), que estes momentos venham seguidos por uma discussão ou trocas de ideias sobre os temas assistidos. Desse modo a televisão passa a ser uma experiência compartilhada por toda a família.

[...] pode-se permitir que a criança escolha os programas que serão assistidos, a cada semana, essa escolha pode ser uma ocasião em que os pais participaram da tomada de decisões, não para imporem vontades, mas para ajudar a criança a optar por determinados valores (BARRY, 1994, p.400).

Napolitano (1999) chama a atenção para as frequentes críticas feitas nas escolas por professores e alunos sobre a televisão e a entrega acrítica que estes fazem em seus lares para a sua programação. Isto acontece, segundo o autor, pelo fato de se viver um fenômeno contemporâneo denominado midiabilidade, que implica no domínio da mídia sobre o campo social.

Todos, professores e alunos estão sujeitos à ação da mídia.

O fenômeno da midiabilidade implica a dificuldade em estabelecer fronteiras definidas entre a experiência enraizada nas relações sociais mais tradicionais e aquela vivida ‘através’ da mídia, incorporando valores e comportamentos dos seus tipos e personagens (NAPOLITANO, 1999, p. 12).

Tendo em vista um trabalho escolar com o material da televisão, torna-se necessário que o professor pense e reflita sobre o grau de midiabilidade dos envolvidos na proposta, bem como “incorpore o material veiculado pela TV como possibilidade de conhecimento” (NAPOLITANO, 1999, p. 13).

A escola, segundo Turra (2008), deve buscar formar alunos criativos e mais humanizados e juntamente com a família formar cidadãos críticos frente aos meios de comunicação de massa, como a televisão. Com esta postura, Turra (2008) mostra que é possível contribuir na formação de cidadãos conscientes, capazes de discernir o que é bom ou não para eles. O trabalho em conjunto entre família e escola possibilita ao aluno/filho construir uma visão crítica e consciente garantindo a oportunidade de realizar uma escolha coerente sobre o que é oferecido.

Mas, ao afirmar e garantir o papel fundamental que a escola tem neste processo é necessário perceber que:

[...] há uma excessiva preocupação em formar o espectador crítico. Acho que é uma meta desejável e necessária. Mas é preciso investir, antes, em algo de base. A formação do próprio professor crítico. O professor ainda está muito abandonado, mal informado, mal preparado. É nele que se precisa investir. O professor precisa aprender a ver televisão, a analisar a TV a partir daquilo que gosta de ver, por que gosta o que mais o prende na TV, o que a TV ensina o que ele pretende com a TV. Esse é para mim o ponto de partida para a formação do espectador crítico (FISCHER apud PILLAR, 1998, p. 40).

Neste contexto, várias frentes de estudos surgiram. Marshall McLuhan (apud NAPOLITANO, 1999, p.19) afirma que a TV “estimularia a articulação entre o visual, o auditivo e o oral na comunicação humana. Esta nova era substituiria o império do livro e da palavra escrita como privilegiado para a transmissão de mensagens e conhecimentos.” Tal teoria não se concretizou!

Outra percepção acabou sendo hegemônica nos países de Terceiro Mundo. “Para estes a televisão, a comunicação e a cultura de massa como um todo se afirmaram como fatores de desestímulo do aprendizado da palavra escrita, do pensamento abstrato e do aprendizado escolar” (NAPOLITANO, 1999, p. 19).

Umberto Eco (apud NAPOLITANO, 1999, p. 19), por outro lado, “afirmou que a televisão nada mais fez do que afastar leitores superficiais de leituras superficiais, não devendo ser creditada a ela o fator determinante da crise da palavra escrita”.

Desta forma, ainda conforme Napolitano (1999, p. 20), se a TV faz parte de um fenômeno contemporâneo e não se apresenta como culpada da crise da palavra escrita, ela “se apresenta como um meio onde o domínio dos códigos escritos não é fundamental para a recepção básica das mensagens veiculadas”, o que facilita o contato dos seus conteúdos com qualquer tipo de telespectador.

Moran (2002) explica que a televisão retrata situações da vida e do presente de maneira impactante e sedutora, diferentemente da escola que se utiliza de uma linguagem distante e intelectualizada e assim mais cansativa. A visão de que a TV entretém enquanto a escola educa já não convence mais. Para o autor, é por não demonstrar o caráter educativo que a TV o faz de maneira rápida, competente e em longo prazo.

A escola, segundo Moran (2002), precisa observar o que está acontecendo nos meios de comunicação e mostrá-lo na sala de aula, discutindo-o com os alunos, ajudando-os a perceberem os aspectos positivos e negativos das abordagens sobre cada assunto. Fazer re-leituras de alguns programas em cada área do conhecimento, partindo da visão que os alunos têm, e ajudá-los a avançar de forma suave, sem imposições nem maniqueísmos.

3.1 Programação para crianças em canal aberto no domingo

Souza (2004) evidencia que mesmo com os avanços tecnológicos, as redes de televisão aberta não permitem que o telespectador escolha a programação para assistir nos horários que desejar. Para ele “atualmente o horário é pré-definido pelas emissoras que divulgam a programação nos jornais e também nos intervalos dos programas” (SOUZA, 2004, p. 57).

A distribuição dos programas, na grade de horário, “é resultado das pesquisas de audiência e da estratégia de cada rede” (SOUZA, 2004 p. 57), e os objetivos de cada uma delas varia de acordo com o tipo de telespectador que deseja atingir, assim, com a sua cultura, costumes e expectativas.

No caso das preferências apresentadas pelas crianças pelos programas de TV, estas vão variar de acordo com a sua idade, os interesses no momento e o que é oferecido em termo de programação, explica Pillar (1998). Na programação apresentada aos domingos, a preferência é por aquelas que mostram um show de variedades, composto por diferentes quadros em especial os humorísticos. Para a autora “a criança pode prestar atenção aos programas, mas ela assimila a informação de uma forma diferente, de acordo com a sua idade, com seus medos, com seus interesses” (PILLAR, 1998, p. 70).

Um gênero em especial, de preferência das crianças ao domingos assistido na televisão é o humorístico, caracterizado pelo humor, definido no Dicionário Aurélio (2004) principalmente por mostrar-se como uma forma de entretenimento e de comunicação humana para fazer com que as pessoas riam e se sintam felizes.

Morgan afirma que:

[...] as crianças e jovens são um foco especialmente importante [...] porque estão em estágios de desenvolvimento e formação passando por transformações dramáticas na sua compreensão da sociedade e de si mesmos, são altamente suscetíveis a influências externas e têm probabilidade de ter menos experiências no mundo real para embasar as suas interpretações do que assistem na televisão (MORGAN, 2009, p. 191).

É necessário, de acordo com Knowles (2009), perceber a mídia como fonte principal de informação dos adultos sobre os adolescentes e crianças, reconhecendo as obrigações com este público.

Segundo a pesquisa realizada pelo ANDI (2006, p.85),

[...] tal situação põe o debate em torno da regulação e da Classificação Indicativa em uma posição de destaque, na medida em que este é o instrumento que deveria fornecer elementos para que os pais e a sociedade em geral se posicionem frente à exposição das crianças e dos adolescentes à produção midiática.

Ainda de acordo com as pesquisas de ANDI (2006), percebe-se que ao mostrar de maneira clara os conteúdos, potenciais e riscos associados à

programação, são oferecidos o direito de escolha da sociedade em relação às programações mais adequadas para o público mais jovem, em especial.

Tal norma foi regulamentada pelos artigos 74, 75 e 76 do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90) com o objetivo de evitar a exibição de programas não recomendáveis ao público infanto-juvenil em horários acessíveis a estes. Esta mesma lei, em seu artigo 254, proíbe a transmissão, por intermédio de rádio ou televisão, de espetáculos em horários diversos do autorizado ou sem aviso de sua classificação (ANDI, 2006, p. 24).

Através do entendimento sobre a importância da Classificação dos programas, é possível, de acordo com a pesquisa ANDI (2006), ampliar o poder de escolha das famílias sobre o conteúdo e/ou a faixa etária atribuída pelo Estado e assim permite que os pais decidam se os filhos poderão ou não assistir. Assim como considerar as próprias crianças e adolescentes como público-alvo e desta maneira estimulá-los a entrar em contato com uma programação apropriada a suas faixas etárias.

A pesquisa ANDI (2006) relata a explicação sobre o significado das classificações etárias obrigatórias na abertura das programações:

Tendência de Indicação 18 anos:

Tendem a ser considerados como “inadequados para menores de 18 anos” filmes, programas, jogos e diversões públicas que contenham: Sexo explícito, Pornografia, Violência excessiva (assassinato, tortura, estupro, suicídio, mutilação, exposição detalhada de cadáveres), Apologia à violência, Consumo explícito e repetido de drogas ilícitas
Apologia ao consumo de drogas
Em se tratando de programa destinado à televisão, esta tendência representa também classificação da obra não recomendada para antes de 23h e no caso de conteúdo pornográfico, para antes das 24 horas (ANDI, 2006, p. 30).

Tendência de Indicação de 16 anos:

Tendem a ser consideradas como “inadequadas para menores de 16 anos” obras que contenham: Relação sexual, Nudez e carícias íntimas, Violência detalhada (assassinato, agressão física, tortura, estupro, mutilação, abuso sexual)
Consumo explícito de drogas ilícitas, Indução ao uso de drogas.

Em se tratando de programa destinado à televisão, esta tendência representa também classificação da obra não recomendada para antes de 22 horas (ANDI, 2006, p. 31).

Tendência de Indicação de 14 anos:

Tendem a ser consideradas como “inadequadas para menores de 14 anos” obras que contenham: Nudez, Relação íntima (inclui masturbação), Linguagem (gestos e palavras) obscena e degradante repetida e em excesso, Violência (agressão física e verbal, assassinato, tortura, suicídio), Consumo de drogas ilícitas, Consumo explícito e repetido de drogas lícitas.

Em se tratando de programa destinado à televisão, esta tendência representa também classificação da obra não recomendada para antes de 21 horas (ANDI, 2006, p.31).

Tendência de Indicação de 12 anos:

Tendem a ser consideradas como “inadequadas para menores de 12 anos” obras que contenham: Nudez velada, Insinuação de sexo, Linguagem e gesto obsceno, Erotismo, Exposição de pessoas em situação constrangedora ou degradante, Narração detalhada de crime e atos agressivos, Agressão física ou verbal (exemplo: assassinato velado e maus-tratos de animais), Exposição de cadáver Insinuação de consumo de drogas lícitas e ilícitas. Em se tratando de programa destinado à televisão, esta tendência representa também classificação da obra não recomendada para antes de 20 horas (ANDI, 2006, p. 31).

Tendência de Indicação de 10 anos: “Tendem a ser consideradas como ‘inadequadas para menores de 10 anos’ obras que contenham: linguagem depreciativa e obscena ameaça agressões físicas ou verbais, insinuação de consumo de drogas” (ANDI, 2006, p. 32).

Livre: “A análise não aponta inadequações. Exibição livre” (ANDI, 2006, p. 32).

Segundo Gomes (2008), a repetição do que é assistido na vida real por crianças e adolescentes é maior, assim o reforço a atitudes, valores e preferências também. A televisão brasileira, para Gomes (2008), vale-se da criatividade para desenvolver programas que se mostrem atrativos para o público e para o mercado publicitário.

4 TRABALHANDO AS GÍRIAS COM ALUNOS DO 2º ANO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A proposta de trabalho sobre “As Gírias que a TV Ensina” foi realizada com 22 alunos com idade entre sete a nove anos do 2º Ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, no período de 18 a 29 de outubro, totalizando dez períodos de dedicação. A escola onde foi desenvolvida a proposta é da rede pública, localizada no centro de Caxias do Sul e atende a alunos de classe média. Neste contexto, buscou-se verificar a frequência com que os alunos assistem a programas de televisão que têm em seu conteúdo o uso constante de gírias, pois há personagens de programas humorísticos de canal aberto que fazem uso destas nos quadros que apresentam encontrando-se assim acessíveis de serem assistidas por todos, o uso destas mostra-se repetitivo em algumas situações vividas na rotina da turma.

Nesta turma foi realizado um estudo de caso, o qual pode ser definido como “[...] uma estratégia de investigação que examina um fenômeno em seu estado natural, empregando múltiplos métodos de recolha e tratamento de dados sobre uma ou algumas entidades (pessoas, grupos ou organizações)” (MENDES apud CASTILLO, 2002).

O procedimento que possibilitou a organização da experiência foi:

1º Passo: Autorização da escola para realização da pesquisa com a turma do 2º Ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

2º Passo: Solicitação escrita enviada aos pais para receber a autorização de participação de seus filhos em uma pesquisa sobre as gírias aprendidas na televisão.

3º Passo: Observação do comportamento e linguagem utilizada pelos alunos.

4º Passo: Aplicação dos instrumentos de coleta de dados.

5º Passo: Análise qualitativa buscando uma interpretação e compreensão sobre o tema em questão.

Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram:

- Observação da realidade da turma.
- Questionário para os alunos (Apêndice A).
- Questionário para os pais (Apêndice B).
- Conversa informal com os alunos sobre os seus programas preferidos na televisão.
- Questionamento sobre o que os alunos assistem neste programa e costumam utilizar no seu dia a dia.
- Assistir com os alunos pequenos trechos do programa mais assistido na turma e realizar ao longo da atividade uma conversa sobre os significados das gírias vistas.
- Escrita de um pequeno texto fazendo uso por escrito das gírias e realização, posterior, da leitura oral para identificação das gírias utilizadas. Verificar no decorrer desta atividade a aceitação deste tipo de linguagem em produções escritas.
- Construir um “dicionário das gírias” com exemplos e significados que os alunos entendem que elas têm, a fim de perceber o sentido com que as gírias são aplicadas nas conversas informais.
- Reescrever o texto utilizando sinônimos para as gírias. Comparar os dois textos e analisar a diferença entre eles.
- Analisar os significados dados às gírias que fazem parte do cotidiano e fazer combinações sobre situações que elas não devem ser utilizadas para manter a boa convivência.

O período de observação possibilitou perceber que a turma que realizou a proposta de trabalho sobre as “Gírias que a TV Ensina” é formada por 13 meninos de sete a nove anos, sendo dois repetentes, nove meninas de sete a oito anos e uma Professora formada em Pedagogia que leciona na escola há oito anos. Todos os alunos estão alfabetizados, lendo com clareza e estruturando a escrita de textos.

Os alunos participantes encontram-se na fase da Aprendizagem por Observação, com a linguagem já estruturada, capaz de comunicar, simplificar e generalizar o mundo em que vivem (SCHEIBE, 2009; OLIVEIRA, 1992).

A coleta de dados iniciou com a entrega aos alunos de um questionário para que fosse possível verificar a que mídias eles têm maior acesso quando estão em casa, podendo assim detectar as ofertas e disponibilidade de diferentes tipos de mídias existentes em suas casas. O resultado obtido encontra-se no Gráfico 1:

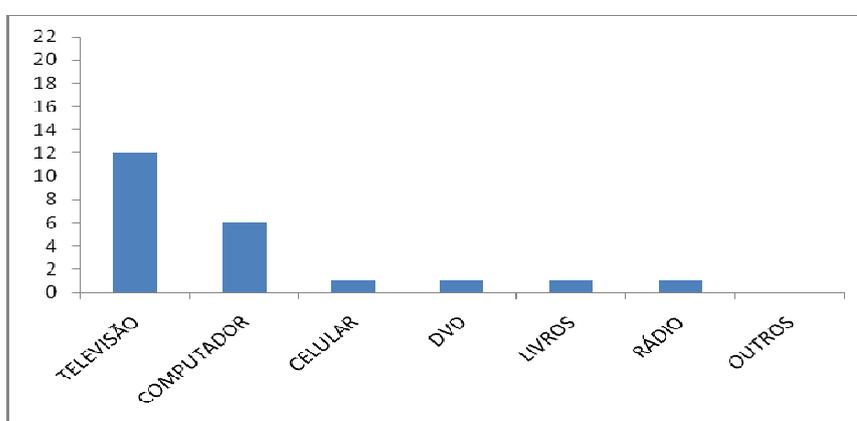


Gráfico1: As mídias mais utilizadas pelos alunos

Também é interessante notar que apesar das pesquisas apontarem um crescimento do consumo da mídia digital, conforme a pesquisa Digital Life citada no capítulo 2, estas são sempre um retrato de uma realidade em um determinado contexto que não pode ser generalizada.

Ao verificar a “popularidade” da televisão entre os alunos, foi possível comprovar na mesma entrevista através da pergunta: “Que tipo de programa você costuma assistir aos domingos?” que aos domingos 80% dos alunos desta turma buscam assistir a programas que mostram como foco principal o gênero humorístico e deste modo, o programa mais lembrado entre eles foi o “Pânico na TV”. Este programa está no ar desde 28 de setembro de 2003 e faz parte da programação de domingo da Rede TV.

Inicialmente, o programa tinha duração de uma hora e era exibido às 18h00. Porém, devido à popularidade e ao número de anunciantes e patrocinadores que foi ganhando, o programa passou a ter duração de duas horas. Um problema com o Ministério Público fez com que o horário de exibição também fosse alterado. Atualmente, o programa vai ao ar das 20h30 às 22h30 todos os domingos, além de passar a contar, recentemente, com uma reprise editada para uma hora de duração que vai ao ar todas as sextas-feiras por volta das 23h30 (GOMES, 2008, p. 2).

Neste tipo de programa, Gomes (2008) explica que a característica principal é o envolvimento com a própria mídia, sejam com imitações, paródias, assumindo um papel de interventor e criador sobre o que foi assistido ou comentado em outro momento.

Pânico na TV é derivação óbvia do nome do programa de rádio. Esta associação tenta transpor para a versão televisiva o reconhecimento e a audiência que o Pânico já havia adquirido. O nome do programa de rádio, por sua vez, parece também uma derivação (mas desta vez com ares de trocadilho) um pouco óbvia do nome da emissora em que vai ao ar, a Jovem Pan. Porém, um exercício reflexivo mais atencioso, pode nos levar para além destas relações óbvias. Podemos de início, perceber que o trocadilho com o nome da emissora já pode assinalar a proposta de fazerem referência a elementos do universo midiático com fins de brincar, inverter, re significar. A obviedade das derivações entre os nomes também pode nos indicar algo da opção estética ou estilo do grupo: a sugestão de pouco elaborado, de tosco, de 'qualquer um poderia fazer' (GOMES, 2008, p. 3).

De maneira geral, 70% da turma costuma assistir televisão no período da noite neste dia da semana, conforme informação dada pelos alunos no questionário aplicado, respondendo a pergunta "Em que horário, aos domingos, você mais assiste televisão?". Nestes momentos, 84% dos alunos responderam que, na sua maioria, assistem televisão sozinhos ou na companhia dos irmãos, quando questionados com a pergunta "Você costuma assistir televisão, aos domingos, na companhia de quem?".

Com o resultado do questionário aplicado aos alunos em mãos, realizou-se uma roda de conversa com eles sobre os programas de suas preferências. Este foi um momento marcado por euforia, pois todos mostraram desejo em falar e comentar sobre o que assistem normalmente. Em um primeiro momento, eram muitos os programas verbalizados: desenhos, novelas, seriados... até que o aluno "A"

comentou sobre o que havia assistido no dia anterior (um domingo) no programa “Pânico na TV”.

Ele disse: “Ontem o Vesgo e o Prateado estavam na praia procurando o Antônio Nunes”. Esta frase foi suficiente para que os gestos que identificam este personagem fossem reproduzidos de maneira quase unânime na turma.

A partir de então o foco da conversa passou a ser os quadros deste programa, pois todos queriam contribuir para que a conversa se estendesse.

A maneira sedutora com que a televisão atrai seus telespectadores e a linguagem espontânea que utiliza é que a torna atraente, merece atenção da escola a fim de discutir seu conteúdo e ajudar o aluno a perceber o que de positivo e de negativo há no que é transmitido, uma vez que é papel da escola auxiliar na construção de cidadãos críticos e conscientes, além de perceber a linguagem como uma tecnologia e talvez a mais avançada existente (MORAN, 2002; TURRA, 2008; MACHADO, 1998).

Algumas verbalizações sobre o programa foram:

Aluno “F”: “É engraçado quando aparece o cavalo dando o coice!”

Aluno “G”: “O Bola costuma dizer: Ah vá é memo?”

Aluno “H”: “O Charles ataca os famosos para dançar e falar a muleke!”

Ao longo da conversa os alunos foram questionados sobre a posição de seus pais frente a este tipo de programa assistido por eles. Houve respostas como:

Aluno “B”: “Meu pai diz que eu tenho que ir dormir às nove horas. Ele sabe que eu ligo a TV no meu quarto e fico assistindo, mas se eu ficar lá ele não dá bola”.

Aluno “C”: “Meu pai fica trocando de canal e às vezes deixa lá. Minha mãe diz que é tudo uma bobagem”.

Aluno “D”: “Meu irmão depois da janta me chama e a gente vai pro nosso quarto assistir o Pânico e na hora de dormir minha mãe vem desligar a TV, dar boa noite e não fala nada do programa”.

Ao perceber o fascínio dos alunos por este tipo de programa é necessário vivenciar na prática um trabalho coletivo entre família e escola que auxilie na construção de uma postura crítica deste público infantil frente à televisão e com isto criar a chance de escolhas coerentes sobre o que é oferecido (TURRA, 2008), uma vez que se percebe neste contexto que a televisão torna-se uma companhia para as crianças por um longo período de tempo e por assim dizer uma cuidadora que exerce uma forte influência na educação destes e é causadora direta da falta de diálogo entre as famílias (SCHEMES, 2002; TURRA, 2008).

Neste dia da conversa foi enviado para casa um questionário sobre este assunto a fim de verificar a opinião dos pais sobre a mídia mais utilizada por seus filhos em casa. É pertinente ressaltar que houve colaboração de 100% dos pais dos alunos da turma, uma vez que todos responderam e enviaram o questionário de volta para a escola. O resultado alcançado está presente no Gráfico 2:

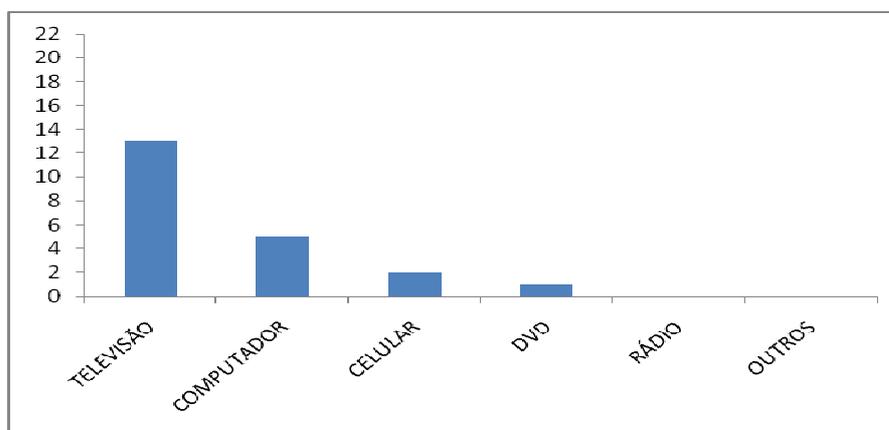


Gráfico 2: As mídias que os pais percebem que seus filhos mais utilizam em casa

Os pais nesta pesquisa demonstraram, na sua maioria, com 85%, concordar com seus filhos sobre o gênero que mais os agrada: humorístico, ao responderem a pergunta “Que tipo de programação seu filho costuma assistir aos domingos?”. Porém, 70% dos pais relataram que o programa favorito assistido em casa, aos domingos, é, na maioria das vezes, “As Aventuras do Didi”, ao responder a mesma pergunta citada anteriormente. Afirmaram de maneira unânime (100% dos pais) que costumam verificar a programação escolhida e assistida pelos filhos e que estes costumam sim assistir a programas sozinhos, quando responderam as seguintes

perguntas "Você costuma verificar a censura dos programas assistidos pelo seu filho? e Seu filho costuma ver TV sozinho?".

Seguir a orientação sobre a indicação da programação assistida por estas crianças de sete a nove anos é mostrar perceber a influência desta mídia sobre o público (ANDI, 2006), mas, ao analisar a programação relatada pelas crianças e por seus pais, percebe-se que não há um consenso sobre o que é assistido. Os pais, ao afirmarem que seus filhos assistem a programas como "As Aventuras do Didi" confirmam, de certa maneira, que a classificação indicativa escolhida é a livre, que não aponta inadequações, mas, ao ouvir os alunos caracterizarem o programa "Pânico na TV" como o eleito deste dia da semana, nota-se que assistir a programas de classificação indicativa de 14 anos é comum nestes lares.

A conversa posterior sobre a programação assistida pelos filhos mostrou-se na resposta de 88% dos pais como inexistente e não houve explicações no espaço que seguia quando feito aos pais a pergunta "Você costuma conversar com seu filho sobre o que ele assiste na televisão? Se não, por quê?".

A ação de assistir televisão deve ser estabelecida e bem entendida pela criança assim como o acompanhamento dos pais frente ao que é escolhido para assistir, ou seja, é importante e necessário que os pais que participaram desta pesquisa revejam suas posturas sobre fazer companhia para seus filhos enquanto estes assistem aos programas para assim poderem conversar e discutir sobre os temas assistidos. Momentos como estes além de contribuir para a integração da família auxiliam na construção de valores destas crianças, como afirma Barry (1994).

Na segunda-feira que sucedeu a proposta de trabalho, houve uma retomada sobre a programação preferida. A professora (autora deste trabalho) começou a conversa utilizando gírias que escuta no cotidiano da turma, como: "Que bom..., Aí, meu filho!, É disso que o Brasil gosta!, Eu não intindi o que ele falo!" Os alunos começaram a rir da postura e da verbalização feita pela professora. Ao serem questionados sobre o que viram e ouviram, demonstraram entender a mensagem dita. A professora explicou que este tipo de palavras e gestos ela percebe entre eles nas conversas e eles afirmaram a existência destas gírias no seu cotidiano.

Percebe-se que os alunos analisados utilizam a televisão para perceber e seguir o que se mostra como “legal” e assim estar de acordo com a cultura do consumismo proposta pelas mídias, além de seguir modelos que incluem pessoas reais e personagens interpretados. É o conjunto de imagens, sons, cores e movimento que torna a TV atrativa e influente entre os telespectadores, contribuindo para as principais mudanças nos hábitos, costumes e valores da sociedade de modo geral, mas em especial entre as crianças (FISHERKELLER 2009; SCHEIBE, 2009; SCHEMES, 2002).

Em seguida, os alunos foram convidados a assistir pequenos trechos do programa “Pânico na TV”. Ao perceberem o que iria ser assistido os alunos foram tomados por uma euforia, carregada de comentários e risadas. Esta atividade foi encerrada com uma conversa, onde a professora procurou questionar os alunos sobre os atrativos do programa. Neste momento houve destaque, por parte dos alunos, dos personagens que ali apareceram: Vesgo, Sílvio, Prateado, Dumbo, César Polvilho, Charles... seguidos do comentário que eles eram engraçados e de algumas gírias que os caracterizam. É pertinente comentar que o apelo sexual feito no programa e as poucas roupas utilizadas pelas mulheres não foram comentadas pelos alunos, parece que este tipo de abordagem não é o que se encontra como foco da atenção deles. Tal característica sobre o conteúdo percebido pelos alunos do programa deve-se ao fato de que, conforme Pillar (1998), a atenção e assimilação do conteúdo assistido mudam de acordo com a idade, medos e interesses das crianças.

Após esta etapa, os alunos realizaram uma produção escrita utilizando estas gírias que fazem parte de conversas informais entre eles. O objetivo desta atividade era verificar a aceitação deste tipo de linguagem em produções escritas. Torna-se necessário explicar antes das produções, que os alunos estão aprendendo a estruturar seus textos, que têm em média entre três e quatro pequenos parágrafos. Houve certa dificuldade em colocar no papel as gírias que são verbalizadas com tanta naturalidade. O aluno “E” comentou que “parece que essas palavras não combinam com os textinhos. A seguir, os textos¹ dos alunos “E” e “F”:

¹ As gírias que foram utilizadas encontram-se assinaladas com um traço abaixo delas.

Texto do aluno “E”:

O Menino

Numa manhã o menino escutou o relógio despertar assim: Ah muleke!

Ele pulou da cama, se trocou, pegou a mochila, se olhou no espelho e disse:

- Que bom...

Na sala encontrou o colega Lucas e disse:

- Beleza! Tá sabendo, legal!

Então os dois foram para a sala onde a profe estava esperando.

Texto do aluno “F”:

Os Amigos

Gabriel um dia chegou atrás do Pedro e disse: Ronaldo!!!

Pedro viu que era o amigo e saiu correndo atrás dele gritando: Ah muleke!

Então os dois chegaram na sorveteria e compraram um sorvete.

Gabriel disse:

- O sorvete de chocolate está uma delícia!

E Lucas respondeu:

- Ah vá! É memo?!

E os dois comeram o sorvete.

Após a produção dos textos os alunos foram convidados a fazer a leitura oral para os colegas, para assim ser feita uma análise coletiva sobre os significados e a estrutura do texto com o uso das gírias. Houve risadas durante as leituras quando as gírias eram verbalizadas, porém, os alunos concordaram com a idéia do Aluno “E” de que não é boa a idéia de fazer produções escritas utilizando as gírias. A linguagem espontânea mostrou-se não combinar com a linguagem científica, formal e organizada da escola (OLIVEIRA, 1992).

Com a última leitura realizada, foi solicitado aos alunos que verbalizassem as gírias que conhecem e usam quando estão conversando ou brincando com um amigo para que fosse feita a cópia delas no quadro e em seguida fosse dada uma explicação simples sobre cada uma delas.

Foi construído assim, um Dicionário das Gírias, com o objetivo de perceber o sentido com que as gírias são aplicadas nas conversas informais entre os alunos. A ideia inicial era fazer o seu registro nos computadores da escola para que pudesse ser um trabalho de troca entre alunos de diferentes escolas e assim ampliado o trabalho. Porém, a fonte da sala de computador encontra-se queimada e assim, tivemos que fazer este registro em um álbum de papel. Cuidamos, neste processo, para deixar espaços para que o álbum possa receber novas informações ao longo do tempo. Cada aluno produziu uma cópia deste dicionário e a professora fez um em tamanho maior para ficar na sala de aula da turma.

O Quadro 1 mostra os termos presentes no dicionário.

Quadro 1: Dicionário das Gírias do 2º B

Gíria	Significado para a turma
Ah vá! É memo?!	É verdade?
Ah muleke!	Que legal!
Aí, meu filho!	Olha bem!
Antônio Nunes!	Brincadeira de força.
Beleza! Tá sabendo, lega!	Tudo bem!
É disso que o Brasil gosta!	Está certo!
Eu não intindi o que ele falo!	Ficou confuso!
Falha no engano!	Está errado!
Hum Boiola!	Brincadeira de “bixa”
Jesus!	Cuidado!
Peitinho!	Brincadeira com amigo.
Que bom...	Legal!
Ronaldo!	Hei você!
Tá ouvindo? ... Lady Gaga!	Brincadeira de dança

Torna-se necessário chamar atenção para a inocência dos alunos, ao identificar o significado que eles atribuem para as gírias que utilizam. Fica evidente

neste caso a reprodução que estes fazem sobre o que aprendem na mídia. As poucas experiências vividas e por encontrarem-se em estágios de desenvolvimento em formação são aspectos que tornam as crianças telespectadoras que reproduzem o que assistem e se mostra atrativo e criativo. É necessário perceber que as mídias atraem crianças, jovens e adultos pela ampla diversão que podem proporcionar e pela facilidade de entendimento sobre os seus conteúdos, atingindo qualquer tipo de telespectador e oportunizando interpretações que diferem de acordo com a idade e experiências vividas. (MORGAN, 2009; GOMES, 2008; SCHEMES, 2002; NAPOLITANO, 1999).

Após a construção do dicionário os alunos foram convidados a reescrever o texto feito nas primeiras etapas da coleta de dados, trocando as gírias pelos significados atribuídos a elas ou similares. O resultado alcançado é mostrado nos textos dos alunos “E” e “F”.

O Menino

Numa manhã o menino escutou o relógio despertar assim: Que legal!
Hora de acordar!

Ele pulou da cama, se trocou, pegou a mochila, se olhou no espelho e disse:

- Legal...

Na escola encontrou o colega Lucas e disse:

- Tudo bem?

Então os dois foram para a sala onde a profe estava esperando.

Texto do aluno “F”

Os Amigos

Gabriel um dia chegou atrás do Pedro e disse: Hei você!

Pedro viu que era o amigo e saiu correndo atrás dele gritando: Que legal! É você!

Então os dois chegaram na sorveteria e compraram um sorvete.

Gabriel disse:

- O sorvete de chocolate está uma delícia!

E Lucas respondeu:

- É verdade?

E os dois comeram o sorvete.

Alguns alunos realizaram a leitura oral dos textos reescritos e todos concordaram que a escrita melhorou sem o uso das gírias.

Esta afirmação feita pelos alunos da turma abriu espaço para uma conversa sobre quando e onde as gírias podem ser verbalizadas e gesticuladas sem apresentar problemas nem conflitos com as pessoas que estão por perto. Houve alunos que explicaram que em casa os pais não gostam que certas gírias sejam utilizadas, estes são filhos únicos ou irmãos mais velhos na família. Percebe-se que a utilização deste tipo de linguagem é mais frequente, nas crianças da turma, entre os alunos que possuem irmãos mais velhos ou ficam em casa um período de tempo sozinhos. Este segundo grupo forma a maioria da turma.

Chegou-se à conclusão de que as brincadeiras sugeridas pelas gírias, aquelas acompanhadas das expressões: “Antônio Nunes, Peitinho, Hum Boiola”, têm a intenção de machucar ou ofender quem escuta e devem ser substituídas por outra brincadeira independente do local onde se encontram os alunos.

Através desta conversa, foi possível verificar que as crianças da turma assistem e absorvem o que é transmitido mesmo sem entender totalmente o significado do que é apresentado.

Por fim, observou-se nos dias que sucederam a proposta de trabalho que as gírias continuaram a fazer parte da comunicação entre as crianças, mas veio acompanhada em algumas situações da lembrança sobre o que elas significam, mostrando assim que de certa forma os alunos aceitaram ampliar seu vocabulário.

Mesmo percebendo que tais gírias podem ser substituídas em conversas e brincadeiras, mas optando pelo seu uso, os alunos demonstram fazer uma entrega acrítica ao que aprendem e lhes é apresentado na televisão. Por este motivo é que o papel da escola continua sendo o de buscar formar alunos críticos e assim capazes de perceber o que é bom ou ruim. Isto será percebido ao longo do tempo, o amadurecimento e as escolhas cada vez mais conscientes sobre o que é oferecido podem tornar-se um hábito a uma nova postura (NAPOLITANO, 1999; TURRA, 2008). Neste contexto apresenta-se também a necessidade da participação dos pais

sobre as escolhas do que assistir ou em conversas posteriores sobre o que foi selecionado para ser assistido (MACHADO apud PILLAR, 1998; BARRY 1994). Afinal, não há como negar a influência da televisão e o papel de destaque que ela demonstra ter no ambiente de aprendizagem, seja na escola ou fora dela (SIGNORIELLI, 2009).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A percepção de que a mídia faz parte da vida da criança desde antes do seu ingresso na escola e que através da televisão, em especial, ela entra em contato com o mundo e assim aprende e interage, trazendo para a sua realidade esta bagagem, foram aspectos pesquisados e analisados ao longo do trabalho. Assim como a importância da presença atuante dos pais e da escola sobre esta aprendizagem sedutora vivida pela criança frente à televisão. (MORAN, 2007; SIGNORIELLI, 2009; SCHEMES, 2002; TURRA, 2008; NAPOLITANO, 1999; PILLAR, 1998).

A turma do 2º Ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental que realizou a experiência analisada sobre “As Gírias que a TV Ensina” é formada, como já mencionado, por alunos com idade entre sete a nove anos, de classe média e que possuem acesso livre a diferentes tipos de mídia, mas que demonstraram, de acordo com o questionário, utilizar mais a televisão. Através desta constatação, não se mostra como novidade a realização de imitações feita por eles, de modo especial na linguagem.

A proposta de trabalho sobre “As Gírias que a TV Ensina” desenvolveu atividades que envolviam uma temática conhecida e que faziam parte daquelas que se mostraram como preferência na turma. As gírias utilizadas na linguagem pelos alunos foram aprendidas no programa humorístico “Pânico na TV”, uma vez que estes relataram serem telespectadores frequentes deste programa.

Ao tornar tais gírias assunto a ser desenvolvido em sala de aula, alguns “tabus” tiveram que ser rompidos, pois como professora é preciso confessar que é natural e espontâneo criticar este tipo de programação escolhida, uma vez que o conteúdo e a classificação indicativa não correspondem a faixa etária dos alunos. Porém, ao perceber a escola como ambiente de aprendizagem, formadora de cidadãos críticos e participantes na sociedade em que vivem entende-se que a função desta é trazer para dentro da instituição temas vividos fora dela e assim

auxiliar na construção de conceitos que favoreçam escolhas coerentes sobre o que assistir.

De modo especial, se for feita uma reflexão sobre a idade destas crianças, uma vez que se encontram em formação e por isso receptoras e repetidoras do que as atrai mesmo que o entendimento da mensagem não seja completo. Nestes tipos de programa é o conjunto humorístico que chama a atenção e sugere uma reprodução no cotidiano da vida.

Este tipo de reflexão sobre o que a criança de sete a nove anos escolhe para assistir em casa deve ser feita também pelos pais, uma vez que devem acompanhar e conversar sobre as escolhas feitas e assistidas. A utilização desta mídia como cuidadora é comum uma vez que a criança hipnotiza-se frente ao que lhe chama atenção, deixando os pais tranquilos por saberem onde seus filhos estão e por assim dizer, seguros. Tal atitude acaba facilitando a liberdade de escolha de programação das crianças em casa e a negligência dos pais para elas.

A criança precisa de zelo por parte dos adultos que a cercam para garantir que receba os cuidados necessários que a sua formação necessita. Por este motivo é que se mostra importante criar uma parceria entre a família e a escola.

A hipótese de que é possível trabalhar com as gírias no sentido de minimizar seus efeitos na linguagem foi comprovada parcialmente. Alcançou-se a percepção entre os alunos de que há uma divisão distinta entre a linguagem oral e escrita, ou seja, nem tudo que se mostra bom para ser verbalizado tem o mesmo efeito quando é escrito. Foi possível perceber que ao escrever eles procuravam um sentido coerente para a formulação das frases que formaram seus textos. Com isto percebeu-se amadurecimento no que se refere à linguagem escrita dos alunos, uma vez que procuraram não seguir certas “modas” para construir seus escritos. É preciso destacar também que houve uma diminuição de verbalização das gírias que se mostraram ofensivas a atitudes, assim como um resgate ao que elas significavam quando foram verbalizadas, seguidas de uma repreensão feita pelas próprias crianças. Porém, nas conversas informais, a utilização das gírias por parte destes alunos mostrou-se natural, elas parecem caracterizar uma conversa ou brincadeira atrativa entre eles, este aspecto mostrou-se como um resultado esperado não alcançado.

Mesmo não fazendo uma substituição destas gírias na linguagem oral, foi possível perceber que a temática trabalhada gerou discussão e reflexão, além de perceber o entusiasmo dos alunos em trazer para o estudo na sala de aula um tema que normalmente faz parte somente de uma breve conversa antes de iniciar a aula.

Por este motivo é que trabalhar com temáticas que influenciam atitudes, preferências e a linguagem continuará a ser desenvolvido ao longo do trabalho escolar, pois a aceitação a esta programação e suas influências no cotidiano poderão ser conhecidas pelos alunos e desta maneira evitar uma entrega acrítica ao que é assistido.

Em atividades futuras com este tipo de temática, porém, será buscada uma parceria mais direta com a família que incentive e cobre uma participação e uma tomada de atitude frente ao que está sendo estudado, uma vez que se mostrou no questionário respondido pelos pais que não ocorre uma conversa e assim pode-se afirmar, um real acompanhamento sobre as escolhas assistidas e ao que é aprendido nos momentos de lazer em casa.

O modelo de educação vivido atualmente traz para os muros escolares este compromisso assim como a busca pela conscientização dos pais para as responsabilidades que são de deveres seus. Correta esta obrigação não é, porém estes alunos necessitam ser assistidos e orientados com compromisso para o seu crescimento e amadurecimento que garanta a sua formação de maneira integral.

A televisão tendo como principal intuito entreter acaba de maneira sedutora educando e doutrinando quem a assiste, em especial, as crianças, de maneira prazerosa e eficaz. Isto sugere uma reflexão sobre a prática docente, sobre a sedução educacional que é preciso resgatar dentro da escola. As mídias, quando utilizadas como aliadas no processo de construção de ensino-aprendizagem facilitam, inovam e tornam próximo dos alunos muitos dos assuntos discutidos e que devem ser aprendidos.

REFERÊNCIAS

ALIMARI, Silvio. **História da TV, Década de 80.** Disponível em: <<http://www.tvgazeta.com.br/historia/80.php>>. Acesso em: 6 nov. 2010.

AMORIM, Edgard Ribeiro de. **TV Brasil Ano 50.** Disponível em: <<http://www.centrocultural.sp.gov.br/tvano50/intro.htm>>. Acesso em: 20 out. 2010.

ANDI. **Classificação Indicativa.** Disponível em: <http://www.andi.org.br/pdfs/Classificacao_indicativa_livro.pdf>. Acesso em: 29 out. 2010.

BANHO, Micheline. **Interação de mídias nas escolas.** Disponível em: <<http://www.artigonal.com/educacao-artigos/interacao-de-midias-na-escola-1854713.html>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

BARRY, T.B. **Momentos decisivos do desenvolvimento infantil.** São Paulo – SP: Martins Fontes, 1994

CORREIA, Edvânia Santos. **As Mídias no Contexto Escolar.** Disponível em: <<http://www.meuartigo.brasilecola.com/educacao/as-midias-no-contexto-escolar.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Editora: Positivo, 3ed, 2004.

EDUCNET. **O uso de novas mídias na escola.** Disponível em: <<http://www.educnet.info/2008/11/12/o-uso-de-novas-midias-na-escola/>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

FABIANO, Max. **Vida Digital: Meios digitais são os mais usados no mundo.** Disponível em: <<http://buscanaweb.wordpress.com/2006/12/05/56/>>. Acesso em: 24 set. 2010.

FISHERKELLER, Joellen. Como a autoidentidade está relacionada às experiências com a mídia na vida diária? In: MAZZARELLA, Sharon. (Org.) **Os Jovens e a Mídia.** Porto Alegre: Artmed, 2009, p.273 – 285.

GOMES, Leonardo. **Pânico na TV, Humor e Celebidades.** Disponível em: <http://www.alaic.net/alaic30/ponencias/cartas/Socioculturales/ponencias/GT21_11%20Gomes.pdf>. Acesso em: 29 out. 2010.

Grupo Virtuoso. **Surgimento da Televisão.** Disponível em: <<http://www.sofisica.com.br/conteudos/HistoriaDaFisica/surgimentodatelevisao.php>>. Acesso em: 5 nov. 2010.

KNOWLES, Katharine. Quem está cuidando das crianças? In: MAZZARELLA, Sharon. (Org.) **Os Jovens e a Mídia.** Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 115 – 131.

LIRA, Messias Rocha. **TV.** Disponível em: <<http://www.coladaweb.com/cultura/decada-de-60>>. Acesso em: 5 nov. 2010.

MARTINSI, Marília Cecília. **Situando o uso da mídia em contextos educacionais.** Disponível em: <http://pos.nead.ufsj.edu.br/Mídias/disciplinas/midia/docs/unidade_2_situando_usoMídias_Beth.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2010.

MEDDI, Jeocaz Lee. **Quando as cores chegaram à televisão brasileira.** Disponível em: <<http://jeocaz.wordpress.com/2010/01/26/quando-as-cores-chegaram-a-televisao-brasileira/>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

MORAN, José Manuel. **As Mídias na Educação.** Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/mídias_educ.htm>. Acesso em: 20 nov. 2010.

MORAN, José Manuel. **Desafios da televisão e do vídeo à escola.** Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/desafio.htm#estra>>. Acesso em: 25 set. 2010.

MORGAN, Michael. O que os jovens aprendem sobre o mundo ao assistirem televisão? In: MAZZARELLA, Sharon. (Org.) **Os Jovens e a Mídia.** Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 190 – 203.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a televisão em sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Piaget, Vigotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão / Yves de La Taille.** São Paulo: Summus, 1992.

PILLAR, Analice Dutra. **Criança e Televisão: Leituras de Imagens.** Porto Alegre: Mediação, 2001.

SCHEIBE, Cindy. Piaget e os Power Rangers. In: MAZZARELLA, Sharon. (Org.) **Os Jovens e a Mídia.** Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 86- 97.

SCHEMES, Jorge. **O Advento da Televisão e a Educação.** Disponível em: <http://www.wodwig.co.cc/edu_midia/edu_midia.html>. Acesso em: 21 out. 2010.

SIGNORELLI, Nancy. Como as crianças e os adolescentes são retratados no horário nobre da televisão? In: MAZZARELLA, Sharon. (Org.) **Os Jovens e a Mídia.** Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 206 – 217.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira.** São Paulo: Summus, 2004.

Teleco Inteligência em Telecomunicações. Disponível em:
<<http://www.teleco.com.br/nrtv.asp>>. Acesso em: 21 out. 2010.

TURRA, Ilenir Rodrigues. **Meios de Comunicação – Televisão; Influência na Formação da Personalidade da Criança e do Adolescente.** Disponível em:
<[http://www.ceedo.com.br/agora/agora6/meiosdecomunicacaotelevis%E3influencia%snainformacaodapersonalidadedacriancaedoadolescente IlenirRodriguesTurra.pdf](http://www.ceedo.com.br/agora/agora6/meiosdecomunicacaotelevis%E3influencia%snainformacaodapersonalidadedacriancaedoadolescente%IlenirRodriguesTurra.pdf)>.
Acesso em: 22 out. 2010.

VALIM, Mauricio. **História da TV.** Disponível em:
<<http://www.tudosobretv.com.br/histortv/histormundi.htm>>. Acesso em: 20 out. 2010.

CASTILLO, Renata Almeida Fonseca Del. **Aprendendo sobre pesquisas.** Disponível em: <http://www.ead.unicamp.br/trabalho_pesquisa/Pesq_estcaso.htm>.
Acesso em 13 dez. 2010.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS:

1. Numere de 1 a 7 as mídias que você mais utiliza, sendo a 1 a mais utilizada e a 7 a menos:
 - () Computador
 - () Televisão
 - () Celular
 - () Rádio
 - () Livros
 - () DVD
 - () Outros

2. Em que horário, aos domingos, você mais assiste televisão?
 - () Manhã
 - () Tarde
 - () Noite
 - () Não assisto TV aos domingos

3. Que tipo de programa você prefere assistir aos domingos?
 - () Esportivo
 - () Humor
 - () Desenho
 - () Seriados
 - () Outros _____

4. Você costuma assistir televisão, aos domingos, na companhia de quem?
 - () Pais
 - () Irmãos
 - () Amigos
 - () Sozinho

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PARA OS PAIS:

1. Quais as mídias seu (a) filho (a) tem livre acesso em casa? Numere de 1 a 7 a que ele mais utiliza, sendo a 1 a mais utilizada e a 7 a menos:

- Computador
- Televisão
- Celular
- Rádio
- Livros
- DVD
- Outros. _____

2. Que tipo de programação seu (a) filho (a) costuma assistir aos domingos?

- Esportivo. QUAL (IS)? _____
- Humor. QUAL (IS)? _____
- Desenho. QUAL (IS)? _____
- Seriados. QUAL (IS)? _____
- Outros. QUAL (IS)? _____

3. Você costuma verificar a censura dos programas assistidos pelo (a) seu (a) filho (a)?

- Sim
 - Não
- Se não, por quê?

4. Seu filho costuma ver TV sozinho?

- Sim
- Não

5. Você costuma conversar com seu (a) filho (a) sobre o que ele (a) assiste na televisão?

- Sim

Não
Se não, por quê?
